



PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO REMOTO NO PARANÁ EM PERÍODO DE PANDEMIA A PARTIR DE UM PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Sinara Adriana Strassburg (sinarastrassburg@outlook.com)
Sandra Maria Wirzbicki (sandra.wirzbicki@uffs.edu.br)

Eixo temático: Experiências e Práticas Pedagógicas

1 INTRODUÇÃO

Há mais de um ano o mundo vive um cenário sem precedentes na história. A identificação de um novo agente da já conhecida família coronavírus, potencialmente perigoso e de alta transmissibilidade, com origem na cidade de Wuhan, China, logo ultrapassou fronteiras e levou-nos ao quadro que enfrentamos atualmente: a pandemia do coronavírus, que trouxe consigo altas taxas de mortalidade ao redor do globo terrestre. Como resposta do governo à emergência de enfrentamento da Covid-19, e como forma de conter o rápido contágio, foi sancionada, em fevereiro de 2020, a Lei de Quarentena, com medidas restritivas e isolamento, consequentemente levando a suspensão das atividades escolares em todo o país.

Como resultado de buscas para enfrentar os efeitos da pandemia na educação, surgiram as aulas remotas, retomando a educação na modalidade virtual. A criação dessa modalidade de ensino, porém, enfrentou – e enfrenta – críticas e alguns desafios, como organização das redes públicas, especialmente as municipais, o acesso à internet e a necessidade formativa de professores quanto ao manejo de tecnologias, o que mobilizou os Estados a fim de proporcionar um ensino remoto de qualidade, buscando atender a toda a população. No Estado do Paraná, estudantes da rede pública puderam, no ano de 2020, acessar as aulas gratuitamente por meio do aplicativo Aula Paraná, sem consumo de dados 3G e 4G, e pelos canais de TV abertos dispostos em três canais diferentes, sendo um para os sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental, outro para os oitavos e nonos e o terceiro canal é destinado a alunos do Ensino Médio. Além do Aula Paraná, os professores desenvolveram encontros síncronos na plataforma *Google Meet*, disponibilizando aos alunos sem acesso à internet materiais impressos que eram enviados semanalmente às suas casas.

Com a retomada das aulas na modalidade remota após um período de suspensão, alunos de todo o Estado passaram a estudar de forma diferente. A rotina de milhões de estudantes e professores mudou e exigiu de nós a capacidade de resiliência e adaptação a mudanças. Assim como a retomada de aulas da educação básica, as aulas do Ensino Superior também retornaram na modalidade remota, e, logo, os projetos de extensão e programas, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e o Programa Residência Pedagógica (PRP), voltaram

à ativa. As atividades de regência e todo o “contato” entre universidade e escola passaram a acontecer por intermédio de salas virtuais, câmeras e microfones. O presente relato trata da percepção de uma residente e da professora orientadora acerca das atividades em meio remoto, da adaptabilidade do programa ao meio virtual e dos desafios encontrados durante as atividades de regência no subprojeto Biologia, Física e Química do PRP – UFFS – *Campus Realeza*.

2 CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

As atividades do Programa de Residência Pedagógica do *Campus Realeza* iniciaram em outubro de 2020, após a realização da Conferência de Abertura por meio do canal Practice/UFFS. A plataforma escolhida para compor o ambiente educacional foi o Webex, desenvolvida para facilitar interações em videoconferências, *webinars* e reuniões *on-line*. É nesta mesma plataforma que são ministradas as aulas dos componentes curriculares dos cursos. É importante considerar que foi preocupação da universidade fornecer aos discentes e comunidade acadêmica treinamentos para uso da plataforma, o que foi de grande utilidade para a entrada dos acadêmicos na nova sala de aula e ambientes de troca de aprendizagens.

A residência pedagógica na virtualidade da educação trouxe novas experiências e aprendizagens construídas de forma conjunta. Foi preciso reaprender, ressignificar muitos olhares, reformular o pensamento que antes tínhamos sobre Tecnologia e Educação, que, de certa forma, tem sua entrada de modo lento no ensino público, sendo, até mesmo, adiada, seja por limitações financeiras, estruturais ou formativas.

Planejar, debater, entrar em uma sala de aula, observar alunos e professores, fazer intervenções e atividades voltadas para escolas de Educação Básica, continuam fazendo parte do PRP, porém a porta de entrada passa a ser um *link* de acesso, havendo, também, a necessidade de desenvolver um olhar mais apurado para entender os alunos e aprender a manejar novos recursos – até mesmo aprender o significado das palavras tecnologia, recurso, ferramenta tecnológica. Nesse processo, o papel do professor orientador e do professor preceptor, ambos como mediadores, e até mesmo o papel do compartilhamento de experiências entre os próprios residentes, foi o que tornou essa experiência riquíssima. Foi preciso partir do início. Primeiro, saber a diferença de Ensino a Distância e Ensino Remoto, e, então, situar-se quanto ao quadro da educação brasileira e construir um ambiente de aprendizagem adequado e não maçante.

A experiência com o Pibid trouxe a oportunidade de passar por todo o processo de planejamento, ambientação escolar e inserção em atividades práticas no cotidiano de alunos e professores ao longo de 18 meses nos primeiros anos da faculdade. Sem dúvida isso é essencial para um curso de Licenciatura. Com algumas expectativas já concebidas nas vivências do Pibid e as premissas do PRP quanto ao contato a ser estabelecido, surge outro desafio para o desenvolvimento do programa: a ausência do ambiente físico – a escola, propriamente dita, os alunos, os professores. A mudança de ambiente impõe-nos a pensar novas estratégias, pois estávamos habituados ao presencial em um dia a dia em que a existência de recursos tecnológicos ocupava um lugar de opção de uso, e não o único meio, deixando no ar a pergunta que coube a cada pessoa responder: “Estou preparado para o ambiente virtual? A realidade é que a grande maioria não estava, talvez por inacessibilidade, por carência formativa, por inabilidade em lidar com as ferramentas digitais.

Surgiram aflições e dúvidas sobre como ensinar, quais recursos utilizar e como mediar a aprendizagem significativa com eles. Todas essas questões foram levantadas e discutidas durante as reuniões e houve diálogo com os professores da

rede de ensino, que relataram as dificuldades quanto às novas aprendizagens no modo de trabalho, expondo, também, sobre o aumento da carga horária dedicada ao preparo das aulas e atividades.

Outra observação reside nas formas de organização diante do meio remoto, posto que a rotina de isolamento acabou por tornar-se fastidiosa e até maçante, diminuindo o rendimento. Mudanças compõem fases de transição até que uma nova realidade esteja acomodada na mente, e compreender que a duração do isolamento se estenderia por um longo tempo não foi algo fácil de ser digerido, o que causou certo bloqueio e resistência em reorganizar a rotina, afinal, “logo passaria e tudo voltaria a ser como era antes”. Muitos residentes viveram dificuldades, como a saturação quanto ao ambiente, ao próprio computador, ao esgotamento mental. O espaço para conversas de vários modos repartiu a carga entre os colegas, acendeu novas ideias e modos diferentes de estudar, organizar, render.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

A alteração na forma de educar o Brasil, causada pela pandemia, abre espaço para a possibilidade de novas formas de mediação do conhecimento, e, para isso, devemos estar abertos a tais possibilidades. Uma educação moderna não recusa a tecnologia, e as Diretrizes para Formação de Professores e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) evidenciam uma idealização de recriar o cenário escolar; um cenário em que o uso de tecnologias é importante (BRASIL, 1996).

Desde a pesquisa até a escrita, é inegável que hoje todos tenham, de alguma forma, acesso à internet. Quando se trata de aplicação de ferramentas tecnológicas nas escolas, porém, a inclusão digital não alcança a equidade e a qualidade nas várias camadas da sociedade. A informatização nas instituições públicas não é plena, e hoje podemos ver os reflexos disso na educação *on-line*.

Muitas das aflições dos professores da rede pública estão na dupla jornada de trabalho e no despreparo, o que leva a dois movimentos: a remuneração e a formação de docentes, como observou o ex-professor e filósofo Mário Sérgio Cortella em uma de suas palestras sobre educação e tecnologia na pandemia.

Já havia, há alguns anos, uma discussão envolvendo a formação continuada dos professores, pois a visão sobre aprender na atualidade segue princípios distintos dos séculos passados – os alunos comunicam-se de forma diferente, aprendem de forma diferente. O professor português António Sampaio Nóvoa, autor de diversos livros da área da educação e formação de professores, defende que a escola deve ser um local de intensa formação, e que isso se dá mediante processos reflexivos (de reflexão sobre a prática) e de diálogo entre os próprios profissionais. A formação de professores deve alcançar novas realidades, e, segundo Libâneo (2001 apud NOGUEIRA, 2020), essa formação continuada irá integrar a didática do professor a uma nova realidade, ajustando-o aos novos momentos que o mundo e a educação vivem.

Na discussão sobre práticas didático-pedagógicas no ensino *on-line*, as principais referências eram na modalidade de Ensino a Distância, que conta com estudos e pesquisas sobre as estratégias de ensino, considerando que, para manter a conectividade dos alunos, é preciso buscar formas de alcançar a motivação deles (NOGUEIRA, 2020).

Nas aulas de observação e regência, primeiramente quanto ao Ensino Médio, o número de participantes da chamada variava bastante. Muitas vezes havia 1 ou 2 alunos somente e, em outras ocasiões, havia 10 a 12 alunos no *Meet*. Os alunos não ligavam a câmera e, poucas vezes, ligavam os microfones, culminando na baixa participação em aula. Já nas aulas do Ensino Fundamental a participação era muito

maior. Os alunos ligavam as câmeras e participavam oralmente. Buscamos tornar as aulas interativas e lúdicas, utilizando estratégias didáticas, como jogos, ilustrações, vídeos e realizando atividades manuais. Percebemos que a conversa e o diálogo foram muito importantes para aproximar os alunos e instigá-los a participar; então, por intermédio de perguntas problematizadoras e exemplos cotidianos, os alunos compartilhavam suas experiências, e, por meio delas, o conteúdo era ensinado.

Ao acompanhar as aulas, notamos que muitos alunos realizavam outras tarefas, como fazer almoço ou cuidar de irmãos. Até mesmo durante as aulas alguns pais chamavam os filhos para fazer alguma tarefa em casa, mesmo estando em meio ao conteúdo. Isso torna evidente a importância do ambiente escolar, sendo um espaço próprio para aprendizagem. Essa questão ganhou relevância após o ambiente de aprendizagem passar a ser a moradia do aluno: na sala, quarto e cozinha (ou onde fosse conveniente). A metodologia da problematização, proposta por Charlez Maguerez, e publicada pela primeira vez no Brasil em 1977 no livro “Estratégias de Ensino-Aprendizagem”, por Bordenave e Pereira, tem como intuito incitar o aluno a problematizar de modo crítico, possibilitando a relação entre a realidade e a temática a ser estudada. Assim, o aluno observa por si só os aspectos interessantes, sendo estes ressaltados pelos valores e ideias acumulados pelo aluno ao longo de sua trajetória (BERBEL, 1995). A solução de problemas é apontada como uma forma de participação ativa e de diálogo constante entre professores e alunos para atingir o conhecimento, não se tratando de um problema aleatório, mas, sim, de um problema real percebido por observação direta da realidade em foco (BERBEL, 1995). Bordenave (1989, p. 24 *apud* BERBEL, 1995) explica que:

Em um mundo de mudanças rápidas, o importante não são os conhecimentos ou ideias nem os comportamentos corretos e fáceis que se espera, mas sim o aumento da capacidade do aluno – participante e agente da transformação social – para detectar os problemas reais e buscar para eles soluções originais e criativas.

A educação possui métodos e estratégias que podem ser desenvolvidos, e estes métodos diferem em aspectos pedagógicos, sociais e ideológicos que estão presentes em suas formulações e aplicações (SAVIANI, 1984 *apud* BERBEL, 1995). Com isso, a metodologia problematizadora contempla uma atividade que mantém continuamente a vinculação entre educação e sociedade. Essa metodologia foi utilizada nas atividades com os alunos, quando foram trabalhadas temáticas de meio ambiente, saúde e convívio em sociedade. Ao notarmos que conseguimos contato com apenas uma parcela de alunos, percebemos que era necessário chamar a atenção, procurar formas de integrá-los e motivá-los a estudar, e assim buscamos integrar atividades *on-line*, manuais e de interação durante as aulas, o que, ao nosso ver, trouxe ânimo para as aulas e pudemos conversar com a turma sobre assuntos importantes.

Do outro lado da tela, a residente enfrentou desafios com o foco e a concentração, precisou encontrar formas e métodos de estudo para conseguir alcançar um rendimento, pois as horas e horas em frente ao computador estavam, após meses de repetição, tornando-se maçantes, e encontrar foco tornou-se um grande desafio. Algumas medidas para adaptação do estudo foram trocar a agenda *on-line* pela agenda de papel, reorganizar o local de estudo e principalmente explorar diferentes métodos de estudo.

O esgotamento mental aconteceu não somente nas casas dos estudantes das escolas públicas em que atuamos, mas também na de professores e residentes, e

podemos ver isso e ouvir relatos de colegas, alunos e professores. Diante disso, os encontros *on-line*, em que trocamos experiências e relatos, foram de grande importância, pois o sentimento era compartilhado entre todos, uma vez que, muitas vezes, os problemas de várias pessoas podem ser semelhantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência contém percepções acerca da instituição das aulas e programas de extensão na forma remota, nas quais foram observadas situações e desafios enfrentados pela escola (professores e alunos) e pelos residentes. Esta proposta de educação, por meio de ferramentas tecnológicas, sempre foi um desafio que ficou ainda mais evidente durante a pandemia, e trouxe à tona atitudes que precisam ser tomadas, bem como o desenvolvimento de políticas públicas e ações, principalmente voltadas para a capacitação e a formação de professores, ações conjuntas entre a escola, a universidade e a sociedade, e também introdução de tecnologias nas escolas – embora possam hoje ser encontradas escolas que carecem de infraestrutura básica.

Neste cenário vivido atualmente pela educação brasileira, encontramos alunos desmotivados, professores sobrecarregados e despreparados para o meio tecnológico e alunos sem acesso à internet ou outros recursos, e acompanhamos a adaptação de ambos neste meio, observando que é nítido o esforço e o empenho na tentativa de tornar as aulas mais criativas e interativas, pois a ausência do ambiente-escola tem um grande impacto na aprendizagem e motivação dos alunos.

5 REFERÊNCIAS

BERBEL, N. A. N. Metodologia da problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o Ensino Superior. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 9-19, 1995.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB. 9394/1996. Disponível em: L9394compilado (planalto.gov.br). Acesso em: 29 ago. 2021.

CORRÊA, A. K. *et al.* Metodologia problematizadora e suas implicações para a atuação docente: relato de experiência. **Educação em Revista** [*on-line*], v. 27, n. 3, p. 61-77, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000300004>. Acesso em: 29 ago. 2021. Epub 24 maio 2012. ISSN 1982-6621

NÓVOA, A. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

Fernanda Nogueira. **Ensino remoto: o que aprendemos e o que pode mudar nas práticas e políticas públicas**. 22 de junho de 2020. Disponível em <[Ensino remoto: o que aprendemos e o que pode mudar nas práticas e políticas públicas - PORVIR](#)> Acesso em 28 de agosto de 2021.